

DRA. MARGARIDA H. WINDHOLZ DEIXOU LEGADO EXTRAORDINÁRIO

Dr. Antônio JAYRO da Fonseca Motta Fagundes¹

Dra. Margarida Hofmann Windholz, mais conhecida como Maggi, nasceu em *Frankfurt am Mein*, Alemanha e faleceu no dia 8 de janeiro de 2018 em Naharyia, Israel, onde foi sepultada, ao lado do esposo. Mudou-se de São Paulo para Israel, ao completar os 82 anos, para “começar uma vida nova”, segundo gostava de dizer. Completaria 92 anos de idade no dia 23 de maio. Era casada com Siegfried (Fridel) Windholz, falecido em 2015, com quem conviveu por 70 anos. Deixa os filhos Daniel, David, Ari e Moria, bem como 9 netos e 7 bisnetos.

Filha de imigrantes alemães, em setembro de 1936 chegou ao Brasil, então com 10 anos de idade, fugida do nazismo, juntamente com os pais, Albert Windholz e Ida Hofmann Windholz e sua irmã, gêmea idêntica, Gertrude (Neumann, ao se casar; sempre chamada de Trudi).

Maggi formou-se em Psicologia, em 1961, na primeira turma do curso recém-iniciado na USP. Tornou-se professora do que viria a ser o Instituto de Psicologia da USP, onde atuou de 1969 a 1976, quando se aposentou por motivo de saúde, mas: “Até o ano de 2000, Maggi continuou seu trabalho na USP como ‘professora participante’, orientando mestrados e doutorados e fazendo pesquisas financiadas pela FAPESP e CNPq.” (ZAMIGNANI; KOVAC, p. 33).²

Foi amiga de Fred Simmons Keller, que era colega e colaborador de Burrhus Frederic Skinner, na *Columbia University*. Diferentemente de Skinner, Keller era carismático, fator que favoreceu seu papel de principal assentador das bases e divulgador da Análise Comportamental (AC), entre os estudiosos da Psicologia, no Brasil. Como confidenciou Maggi, em entrevista dada em 1998: "Fico pensando, às vezes, se não

¹Mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor na Pós-Graduação da Universidade de São Carlos (UFSCar), Dep. Psicologia, Inst. Lahmiei. Ex-aluno de Maggi no segundo ano que ministrou o curso “Psicologia Experimental Aplicada: Observação do Comportamento Humano”, no primeiro semestre de 1971. Contato: profjayro@profjayro.com.br.

²ZAMIGNANI, Denis Roberto; KOVAC, Roberta; VERMES, Joana Singer. História de vida. *Boletim Paradigma*, 2008, p. 33-34. Disponível em: <http://paradigma.nemag.com.br/Paginas/Conteudo.aspx?TIPO=BOLETIM&Codigo=54>. Acesso em: 13 jan. 2018.

tivesse havido Keller, se Skinner teria tanta influência sobre a formação de pessoas aqui no Brasil. Keller era O Professor nato, O Mestre, com seu carisma e charme todo especial, u, incrível ser humano." [um incrível] (MORAIS, 1999, p. 9)³. As ideias e o modo de ensinar de Keller tiveram tamanha aceitação que os analistas comportamentais brasileiros constituem, atualmente, a segunda comunidade científica mais numerosa no mundo, depois da americana.

Participaram do primeiro curso de Psicologia Experimental dado por Keller no Brasil, durante um ano, em 1961⁴, além de sua colega de faculdade Maria Amélia Matos, Dora Fix Ventura, os professores Carolina Martuscelli Bori, Rodolfo Azzi e uma dezena de outros. “Essa temporada mudou tanto a Psicologia no Brasil quanto a vida de Fred & Francês Keller.” (TODOROV, 1996)⁵.

Mudou também a vida de Maggi, pois passou a ir aos Estados Unidos para estar com Keller e Frances e a recebê-los no Brasil, tornando-se Keller um como que tutor seu,

³MORAIS, Sara Teresa Pérez. Professores universitários e psicólogos contam suas vidas. 1999. 5 v. Tese (Doutorado, em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) Universidade de São Paulo, São Paulo.

O depoimento de Maggi está disponível em: <http://paradigma.nemag.com.br/Paginas/Conteudo.aspx?TIPO=BOLETIM&Codigo=54>. Acesso em: 13 jan. 2018.

⁴Keller, com apoio da apoio da *Fulbright-Hayes*, aqui esteve durante um ano, como Professor Visitante da USP. Graças a ele, a AC se implantou no Brasil. Em 1964, Keller ajudou a organizar o Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília e nela lecionou alguns meses, precisando deixá-la devido aos acontecimentos políticos brasileiros de 1964. Retornou algumas vezes ao Brasil para participar de encontros científicos promovidos pela então Soc. Psic. Ribeirão Preto, atual Associação Brasileira de Psicologia.

Cf.: SABADINI, Aparecida Angélica Z. Paulovic. *Biografia de Fred S. Keller*. Centro de Memória do Instituto de Psicologia da USP. Arquivos Históricos. Fevereiro de 2011. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/cmip/?q=node/570>. Acesso em: 14 jan. 2018.

Como em algumas, essa fonte não menciona o simpósio “Ética na atuação do psicólogo”, realizado na PUC-SP, nos dias 17-19 nov. 1977, organizado por Maria Amélia Mattos, Lúcia Williams e Marilene Grandesso, por não constar nos registros da *Columbia University*, usados por Paulovic e, provavelmente, por outras fontes. (Registros disponíveis em: http://www.columbia.edu/cu/record/archives/vol21/vol21_iss17/record2117.28.html. Acesso em: 13 jan. 2018). Na seção Sobre a Autora da 2ª e 3ª edição do livro da Maggi, “*Passo a Passo*”, estampeei foto de Larry Williams, batida na ocasião, nela estando Keller, Frances, Maggi, César Ades e os três organizadores do simpósio sobre ética da PUC-SP.

⁵TODOROV, João Cláudio. Fred S. Keller e o Brasil. *Correio Braziliense* (Opinião). 5 abr. 1996. Disponível em: <http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/18955/fred-s-keller-brasil/>. Acesso em: 13 jan. 2018.

O nome da esposa é Frances. Frances Scholl Keller, que em 1936 com ele casou e viveu até a morte dele, aos 97 anos, em 1996, e que sempre acompanhou Keller em suas vindas ao Brasil e se tornou grande amiga de Maggi.

Todorov informa que a vinda de Keller se deu em 1960, mas atestado como tendo sido em 1961, por Maggi (em MORAIS, 1999, p.3), Kerbauy (1983, p. 8) –outra aluna de Keller, grande amiga e tradutora de obras dele para o português, e pelo próprio Keller: “No último dia de Carnaval de 1961, minha esposa e eu [...] embarcamos [...] para o Galeão, no Rio de Janeiro.” E também em: “[...] minhas aulas [...] 1961 na USP.” Conforme consta em um dos dois livros de Keller dos quais fui editor, no Brasil: KELLER, Fred S. *Aprendendo a ensinar: memórias de um professor universitário*. Tradução de Rodolfo Azzi e Maria Thereza Araujo Silva. São Paulo: Edicon, 1983, p. 45 e 52. (O outro dele é: KELLER, Fred S. *Pedro Preguiça vai à escola*. Tradução Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams. São Paulo: Edicon, 1987.)

KERBAUY, Rachel Rodrigues. Keller: o cientista ensina. In R. R. Kerbauy (Org.). *Fred Simmons Keller*. Coleção Grandes Artistas Sociais, 41. São Paulo: Ática, 1983, p. 7-42.

“seu pai psicológico”, como dizia. Em 1971, foi aconselhada por ele a não se dedicar à pesquisa básica. “Ele me convenceu de que deveria continuar o trabalho com pessoas, que este era meu forte, e que poucos na área de análise comportamental tinham a minha experiência clínica”. (MORAIS, 1999, p. 5)⁶. A opinião de Keller era compartilhada por Carolina Martuscelli Bori que, exatamente por isso, a contratou para atuar na USP, em 1969, assim que terminou seu doutorado na mesma USP, de modo que fomentasse aí a Psicologia Experimental Aplicada.

Maggi tanto se entusiasmou pela AC aplicada às pessoas que passou sua longa existência aplicando e ensinando a aplicar tais princípios em pesquisas científicas, bem como em intervenções comportamentais, de modo especial na sua clínica e colaborando em outras, bem como atuando diretamente ou dando assessoria para instituições voltadas para pessoas com necessidades educativas especiais, no que foi pioneira, no Brasil.

Por exemplo, na CARE – Carminha – Associação para Reabilitação do Excepcional, fundada, em São Paulo, por ela e Celma Maria Vieira Cenamo, em 1972, que ensinava, conforme a AC, uma nova maneira de atuar com crianças e jovens com problemas de desenvolvimento. Na CARE, primeira escola brasileira totalmente programada segundo a AC, estiveram e deram alguma contribuição, por exemplo: Fred S. Keller, Charles B. Ferster, Donald M. Baer, Sidney W. Bijou, Jack Michael e Robert Vance Hall.

Seguindo tradição familiar, sempre teve um intenso e ininterrupto trabalho voluntário. Participou do grupo que batalhou e conseguiu, no dia 4 de abril de 1961, fundar a APAE paulistana, onde passou a atuar como voluntária. Foi co-fundadora e diretora do União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social (CIAM) e, depois como voluntária, por muitos anos. Atuou dessa forma em várias outras instituições, por exemplo: Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista – CIP- [fundado por sua mãe, que o dirigiu por 45 anos, segundo Maggi relatou a Morais (1999), período no qual Maggi dele participou], Creche da Organização Feminina Israelita de Assistência Social – OFIDAS (que hoje faz parte da União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social – UNIBES), Movimento Comunitário Estrela Nova, Sociedade Pestalozzi, Cruzada Pró-Infância e Lar-Escola São Francisco. Em todas essas instituições, contribuiu para formar

⁶Cf.: Referência completa na Nota de Rodapé 3.

peçoal que desse continuidade a seu trabalho, sendo que em vários deles atuou por muitos anos.

Sua larga experiência, principalmente nos 15 anos que esteve na CARE, está sintetizada no volumoso, monumental e primeiro manual prático, publicado entre nós para educar essas pessoas: *“Passo a passo, seu caminho: guia curricular para o ensino de habilidades básicas”*. Livro que, juntamente com minha esposa Valentina Ljubtschenko, como editores da Edicon, tivemos o privilégio de publicar em 1988 e reeditá-lo em 2016 e 2017.

Em setembro de 2016, estando Maggi com 90 anos, colaborei, com a ajuda de seus admiradores, para que viesse ao Brasil, pois felizmente a tinha convencido a rever, atualizar e vir lançar a reedição de seu livro e receber homenagem da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), por suas importantes e continuadas contribuições para o desenvolvimento da Análise Comportamental no Brasil. Ocasão em que também foi homenageada pela USP, PUC-SP e Comunidade Judaica de São Paulo, na qual sempre atuou como voluntária, tendo a alegria de estar com vários autistas, agora adultos e integrados socialmente, por ela orientados quando crianças.

Seu principal legado, indiscutivelmente, é o livro *“Passo a passo”*, que atualmente se encontra na 3ª edição, revista e ampliada por ela e seis colaboradores, entre os quais estou. É fruto de sua larga experiência no ensino de crianças e jovens portadores de necessidades educativas especiais. Pessoas que, comumente, ficam excluídas da sociedade e condenadas a uma vida sem perspectivas, mas que, com o devido apoio, minuciosamente detalhado no livro, podem ter uma vida com qualidade, tornando-se pessoas entrosadas socialmente e desempenhando papéis diversos na sociedade. Coisas que Maggi não apenas fez, mas batalhou para que um crescente número de pessoas passasse a fazê-lo, com a ajuda da AC, em cursos que ministrou na USP e, com regularidade, em várias partes do Brasil, para psicólogos e educadores, entre os quais: diretores de escolas, professores, psicopedagogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e inclusive pais de crianças com Desordens do Espectro Autista ou com Síndrome de Down.

De acordo com a metodologia da AC, a observação sistemática, com registros precisos dos comportamentos-alvo, é etapa indispensável. Desde que passou a lecionar na USP, Maggi tinha certeza disso, tanto que ministrava dois cursos na pós, um sobre

modificação de comportamento e outro sobre observação comportamental. Assim, os ensinamentos que obtive com ela, no curso “Psicologia Experimental Aplicada: Observação do Comportamento Humano”, tiveram e terão continuidade, porquanto graças a ela e a seu colega de USP, Walter Hugo de Andrade Cunha, que ministrava o curso “Observação do Comportamento Animal”, graças a eles, eu e muitos dos seus alunos de pós-graduação se tornaram divulgadores, no Brasil e alhures, do que aprenderam. Quanto a mim, publiquei livro sobre o assunto⁷. Também o fez minha colega de pós, aluna de ambos, Marilda Fernandes Danna, juntamente com sua orientadora Maria Amélia Matos⁸. Mais uma espécie de legado da Maggi, por ter colaborado também para assentar as bases e incentivado a prática da observação comportamental, como técnica imprescindível em pesquisas científicas, na atuação clínica e na prática de intervenções comportamentais em instituições que lidam com pessoas com necessidades educativas especiais, nos moldes da Análise Comportamental.

Para um apanhado de quem foi e o que fez Maggi e suas importantes contribuições, consulte-se a saudação/homenagem da ABPMC, em Fagundes (2017)⁹. Outras facetas podem ser vistas nas entrevistas que ela deu, em 1998 para Moraes (1999)¹⁰ e em 2008, para ZamignanI, Kovac e Vermes (2008)¹¹, ano em que se mudou para Israel. Em breve, outros detalhes sobre o que foi e fez pela AC no Brasil poderão ser conferidos na entrevista que deu para a revista *Operants*, da *B. F. Skinner Foundation*. Dada sua importância para AC, fora convidada e estava escrevendo sua biografia, a pedido de editor americano. No último WhatsApp que me enviou (ah, ela era radioamadora, lidava com Skype, Face etc, e estava iniciando um Blog!), dizia que iria me encaminhar o que já tinha escrito, mas adoeceu e ficamos privados de seu relato completo.

⁷FAGUNDES, Antônio Jayro da Fonseca Motta Fagundes. *Descrição, definição e registro de comportamento*. São Paulo: Edicon, 18. ed. rev., 2017. [Inclui catálogo com 155 definições comportamentais e Prefácio da Maggi, desde a 1ª ed. em 1980 e de Walter Hugo, desde a 17ª, em 2015].

⁸DANNA, Marilda Fernandes; MATOS, Maria Amélia. *Aprendendo a observar*. São Paulo: Edicon, 3. ed., 2015. [Livro que substitui outro das autoras sobre o tema, publicado em 1982].

⁹Saudação que fiz à Maggi, em nome da ABPMC, na abertura do XXV Encontro Brasileiro de Psicologia e Medicina Comportamental e II Encontro Sul-Americano de Análise do Comportamento, em Foz do Iguaçu, no dia 7 de setembro de 2016, publicada na *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Volume XIX, 2017, n. 1, p. 168-175. Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/959/506>. Acesso em: 14 jan. 2018.

¹⁰Cf. a referência completa na NR 3.

Ao ler a entrevista dada a Moraes, impossível não comentar a riqueza de detalhes, nomes completos das pessoas, datas e circunstâncias diversas que ai estão que, mesmo tempos depois, Maggi era capaz de informar sem consultas, dona que era de uma memória descomunal, preservada até pouco antes de seu falecimento.

¹¹Cf. a referência completa na NR 2.

Na mesma homenagem da ABPMC, discursou Maggi falando dos passos que a AC deu no Brasil e os que julga importante dar, que se encontram em: Windholz (2017)¹².

Foi uma mulher excepcional e o seu legado é extraordinário. Minha alegria maior é ter contribuído para que recebesse em vida o merecido reconhecimento, “as flores em vida”, de que fala o poeta¹³:

“Se alguém quiser fazer por mim

Que faça agora.

Me dê as flores em vida

O carinho, a mão amiga,

Para aliviar meus ais.

Depois que eu me chamar saudade

Não preciso de vaidade

Quero preces e nada mais”

¹²WINDHOLZ, Margarida Hofmann. Passos para o futuro: XXV Encontro da ABPMC – Foz do Iguaçu, 07/09/2016. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Volume XIX, 2017, n. 1, p. 176-179. Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/960/507>. Acesso: 15 jan. 2017.

¹³CAVAQUINHO, Nelson; BRITO, Guilherme de. *Quando eu me chamar saudade*. [s.d.] Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/nelson-cavaquinho/quando-eu-me-chamar-saudade.html>. Acesso em: 16 jan. 2018.